

## TEXTO

Você vai ler agora dois extratos de textos que abordam *exemplos de práticas pedagógicas* na perspectiva do currículo multicultural.

**Fonte:** MEDEL, Cássia Ravena Mulin de Assis. O currículo e a formação para um mundo globalizado e Plural. Disponível em: [http://sitededicas.ne10.uol.com.br/art\\_curriculum.htm](http://sitededicas.ne10.uol.com.br/art_curriculum.htm) - Acesso em 6/12/2016

Um currículo multicultural pode trabalhar em todas as perspectivas. Pode apresentar fases folclóricas, em que mostre a influência de diferentes povos na formação da cultura (como, por exemplo, a influência dos árabes nas ciências, na matemática; a influência dos africanos na cultura brasileira e de outros povos), como também pode, em outros momentos, trabalhar com a perspectiva multicultural crítica de desafio a preconceitos, formação da cidadania e questionamentos acerca da desigualdade que atinge determinados grupos (por exemplo, pode-se na literatura trabalhar com textos em que, apesar de ressaltado seu valor literário, apareçam traços preconceituosos contra negros, mulheres, idosos, e assim por diante, contextualizando essas ideias, mostrando suas raízes históricas, enfatizando a sua influência acerca do autor e revelando modos de vê-las e enfrentá-las nos dias atuais).

No entanto, pode ainda em momentos diferentes, mostrar a diversidade dentro da diversidade. Nesse caso, por exemplo, pode questionar conceitos estereotipados em notícias de jornal, que fazem referência a povos e grupos de maneira homogeneizadora.

**Fonte:** CANEN, Ana; OLIVEIRA, Angela. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, Rio de Janeiro, setembro/dezembro 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300006) - Acesso em 5/12/2016.

O multiculturalismo, campo teórico e político voltado para a valorização da pluralidade cultural e para o desafio à construção das diferenças, tem adquirido visibilidade crescente no campo educacional. Tendo em vista a incrementar a produção do conhecimento sobre possíveis formas de tradução do projeto multicultural para o currículo em ação, o presente estudo objetivou responder à seguinte questão central: o que seria uma prática pedagógica multicultural crítica?

[...]

O projeto multicultural, por sua vez, insere-se em uma visão pós-moderna de sociedade, em que a diversidade, a descontinuidade e a diferença são percebidas como categorias centrais. Da mesma forma, contrapondo-se à percepção moderna e iluminista da identidade como uma essência, estável e fixa, o multiculturalismo percebe-a como descentrada, múltipla e em processo permanente de construção e reconstrução.

[...]

Algumas questões centrais mobilizaram nossa investigação: o que seria uma prática pedagógica multicultural crítica, com base na literatura da área e em uma prática pedagógica imbuída de uma perspectiva voltada ao desafio a preconceitos? Quais seriam seus elementos estruturantes? [...] Para responder a essas questões, [...] em um primeiro momento delineamos a perspectiva teórica da pesquisa, dialogando com autores que têm se debruçado sobre formas de tradução do multiculturalismo em práticas pedagógicas efetivamente comprometidas. Em um segundo momento, realizamos, durante parte do segundo semestre do ano letivo de 2000, [...] a observação sistemática do cotidiano da prática pedagógica de uma professora de ciências, em uma escola municipal na zona norte do Rio de Janeiro [...].

Por exemplo, [...] uma mesa-redonda foi constituída por alunos provenientes de culturas diversas: duas alunas filhas de coreanos, duas alunas de origem indígena (uma do interior do Mato Grosso e a outra recém-chegada do Pará), um aluno que, apesar de carioca, havia vivido muitos anos na Paraíba, tendo chegado de lá há menos de um ano na época do estudo e uma outra que havia tido uma experiência de convivência com cubanos, em Havana, durante um certo período.

A sessão foi iniciada com a exibição de um vídeo sobre cultura afro e sua influência no Brasil, em um tom de multiculturalismo folclórico de valorização da diversidade cultural. Ao final da exibição do vídeo, a professora, de um certo modo, trouxe tal discurso para um tom multicultural mais crítico, na medida em que dava a palavra aos alunos da mesa-redonda para discutirem suas próprias culturas de origem, bem como possíveis choques e/ou discriminações sofridos no ambiente em que se encontravam agora, no Rio de Janeiro. Os alunos convidados, no início, mostravam-se um pouco tímidos na narrativa de suas experiências, mas, à medida que iam ganhando confiança, davam seus depoimentos, nos quais a dor do preconceito e a esperança de valorização de suas identidades emergia com força, como ilustramos a seguir:

As pessoas aqui são muito fechadas. Lá (em Belém) elas se comunicavam mais. Você chegava e elas falavam logo...  
(Tiane, aluna de Belém)

Cuba tem um regime diferente do Brasil. Um lugar superlindo. Ser negro no Brasil é ser diferente de ser negro em Cuba... lá não senti tanto preconceito.  
(Elisângela, moradora em Cuba por um ano)

Quando cheguei, fui discriminado. As pessoas me achavam diferente por causa do sotaque paraíba.  
(Hélio, aluno nordestino)

No Mato Grosso a gente tinha muito contato com a natureza. Aprendi a fazer cestos com a minha avó.  
(Zamê, aluna indígena)

Esses depoimentos configuram aspectos identitários híbridos, relacionados não só à categoria raça, mas também a sotaques, lugares de origem, etnias diversas (como a indígena, por exemplo). Indicam que discursos preconceituosos incidem sobre marcadores identitários plurais e estão imbuídos

pelas relações desiguais de poder, em sua gênese. Indicam que aspectos folclóricos, relacionados a padrões culturais distintos (como a cultura de fazer cestos indicada pela aluna indígena), vinham imbricados com aqueles relacionados ao preconceito contra o "outro", percebido como "diferente", ameaçador, requisitando um olhar sobre a identidade multicultural, para além de marcadores-mestre como raça ou nação, por exemplo. Da mesma forma, superar a homogeneidade dentro de uma categoria identitária (como raça) parecia impor-se, particularmente no discurso da aluna que afirmava que "ser negro no Brasil é diferente de ser negro em Cuba". Tal discurso pode permitir uma visualização da pluralidade de condições identitárias dentro da categoria racial, já apontada por autores [...], requisitando um olhar que busque superar a essencialização das diferenças, percebendo a pluralidade e a hibridização nas categorias identitárias, como raça.

No entanto, tais tensões e aspectos multiculturais críticos não foram desenvolvidos no debate, trazido mais para o plano do multiculturalismo folclórico, de valorização das culturas e não de desafio à construção das diferenças e dos preconceitos a elas relacionados. Em contrapartida, pode-se argumentar que o espaço aberto para aqueles depoimentos dos alunos, bem como o conteúdo dos mesmos, pode ter sido resultante da prática pedagógica cotidiana da professora, desafiadora de preconceitos, ainda que focalizando, sobretudo, aqueles ligados particularmente à categoria racial. [...] De fato, conforme indicado pela professora no *workshop* realizado, outras atividades relacionadas a outros aspectos foram trabalhadas, em uma perspectiva de desafio a preconceitos e discriminações, como, por exemplo, atividades relacionadas a preconceitos contra a AIDS e seus portadores. Nesse caso, [...] uma atividade interessante nessa linha é o jogo "mitos e realidade". O jogo consiste em distribuir cartelas com frases polêmicas, relacionadas a doenças sexualmente transmitidas, de forma que promova o debate sobre tais doenças e desafie discriminações contra portadores de Aids, indicando dinâmicas à base de estratégias discursivas voltadas ao desafio a preconceitos sobre outros aspectos identitários além dos de raça, possivelmente no âmbito de outros tópicos do programa de ciências. Também na entrevista concedida na escola, a professora revelou que trabalha com a questão do preconceito contra homossexuais:

Quando falo da reprodução humana, não falo só de heterossexuais. Procuo falar sobre homossexuais. É falar sobre o que o homem está vivenciando, o que a mulher está vivenciando... Como é gostoso ser homem, como é gostoso ser mulher... E também os problemas que acarretam ser homem e ser mulher... (Entrevista realizada em novembro de 2000)

[...]

Um segundo aspecto a ressaltar refere-se às expectativas positivas que a professora nutria com relação à capacidade de aprendizagem de todos os alunos, bem como ao seu envolvimento afetivo no decorrer do processo. De fato, constantemente, no decorrer da entrevista e do *workshop* realizados, ela referia-se a uma frase de Caetano Veloso – "gente é para brilhar" – para designar as formas pelas quais percebia seus alunos e a direção que imprimia a seu trabalho, de modo que os fizessem "brilhar". Esses aspectos não podem ser separados das práticas pedagógicas multiculturalmente comprometidas, confirmando a visão de que a dimensão afetiva deveria impregnar as práticas discursivas nessa perspectiva.

[...]

A valorização dos universos culturais das crianças e a crítica cultural a desigualdades e preconceitos a eles associados perpassava as preocupações com o currículo em ação, conforme expresso pela professora:

Não separo o ambiente onde as crianças vivem de sua cultura. Uma vez tinha que dar uma aula de vertebrados. Naquele dia, a comunidade de Vigário Geral estava sendo morta. E eu ia trabalhar com mamíferos! Então comecei falando como nós, vertebrados mamíferos, nos comportamos diante da violência... Em outra ocasião, o assunto era meio ambiente. Fiz um jogo, o "bolichão". Nesse jogo, eu perguntava: o que devemos derrubar e o que devemos manter para preservar nosso planeta feliz nessa vida? Aí, no quadro negro, eu coloquei o título: "pinos de boliche", e dividi em duas colunas: "derrubar" e "manter". Fui perguntando a eles. Na coluna de "derrubar" surgiram: valão, fogos/balão, cocaína, maconha, queimadas, fumaça de ônibus, violência, armas, sujeira da praia, arrastão, polícia, bandidos, pivetes, corrupção, *sprays*, doenças... Na coluna de "manter" apareceram: florestas, plantas, praia, animais, escolas!!! (Essa ficou!!!), hospitais, camada de ozônio, música, solo, comida, sexo, esperança... Aí, fomos discutindo esses assuntos. [...] Também, quando tinha que falar sobre defesa... as informações científicas estavam ligadas ao ambiente deles, a uma coisa maior que eram as defesas deles. Então eu procurei trabalhar a questão

da pele não só com a queratina, a melanina enquanto proteínas químicas, mas aquela melanina daquela pessoa que estava ali, que tem uma pele diferente, com o que ela está sentindo, com o preconceito que ela está vivenciando, com a situação em que ela está. (Depoimento da professora no *workshop* [...])

Conforme se observa, elementos que fazem parte dos universos daquelas crianças, vivendo muitas vezes em condições limite em termos de carências socioeconômicas e no bojo da violência, do tráfico de drogas e dos conflitos entre polícia e bandidos, eram trazidos para as discussões e relacionados ao tópico da biologia a ser trabalhado em aula, mediante uma estratégia consciente da professora.

[...]

Em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como "diferentes", a educação e a formação de professores não podem mais se omitir quanto à questão multicultural.